



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

NATHÁLIA ROCHA DIAS

O MUNDO POR ELAS

GOIÂNIA

2025



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

O MUNDO POR ELAS

Produto Filme Documentário
apresentado como Trabalho de
Conclusão do Curso de
Graduação em Jornalismo à
Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Escola de Direito,
Negócios e Comunicação, sob
orientação da Professora Doutora
Eliani de Fátima Covem Queiroz.

GOIÂNIA

2025

NATHÁLIA ROCHA DIAS

O MUNDO POR ELAS

Data da defesa: 8 de dezembro de 2025

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Profa. Ma. Sabrina Moreira

Jornalista Renata Vieira

Dedico este trabalho ao meu Senhor e Criador de todas as coisas, Jesus Cristo, que esteve comigo em todos os momentos desta jornada acadêmica. Aos meus pais, Jeovaldo e Leila, que, com muito amor, fizeram o impossível para tornar o meu sonho possível. Aos meus familiares e amigos, que ofereceram incentivo constante na concretização de um sonho. Aos meus pais, parabéns. Hoje, com orgulho, vocês formam uma jornalista.

Agradecimentos

Para a boa apresentação deste trabalho que caminha para a conclusão desta etapa em minha vida, agradeço primeiramente ao Senhor Deus que tem me sustentado por todos esses anos, e com muito amor, sempre proveu muito além do que preciso. E durante todo o processo acadêmico, têm escutado as minhas orações e fazendo muito mais do que sonhei. Sua infinita misericórdia me concedeu uma família que é o meu porto seguro. Tua graça e teu amor me envolveram, fazendo de cada passo, um testemunho da Tua fidelidade.

Ao meu amado pai, Jeovaldo Rodrigues Dias, que debaixo de muito sol e trabalho, me permitiu que chegasse até aqui pela sombra e água fresca. O homem mais importante da minha vida me ensinou que os sonhos são possíveis quando se tem raízes fortes e asas confiantes. A minha amada mãe, Leila Bicudo da Rocha Dias, que é fortaleza, amor, afeto e cuidado ao longo dos meus anos para que eu tivesse êxito em todos os meus projetos. Com a sua sabedoria, têm me guiado por todos os meus anos, e me afirmava a cada manhã que todos os meus sonhos são alcançáveis. Ela sempre acreditou, mesmo quando o medo me assombrava. Estes são também pilares da minha formação como ser humano, meus maiores incentivadores e meus maiores exemplos. Sem eles ao meu lado, nada seria possível.

Aos meus avós Mônica, Manoel (in memorian), Leovegilda, Ivonete e Rui, cuja confiança depositada em meu percurso representa a concretização de um sonho compartilhado. Agradeço, igualmente, por cada oração por eles dirigida ao céu, que me sustentou e fortaleceu ao longo de todo o meu percurso acadêmico.

A minha professora orientadora Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz, que esteve comigo desde o meu primeiro dia de aula na faculdade, me ensinando com carinho e dedicação. E neste projeto, segurou na minha mão, caminhou comigo e celebrou cada pequena conquista. Não poderia deixar de reconhecer a relevante contribuição de todos os meus professores nesse processo de formação acadêmica cujo ensino foi fundamental para a profissional que me torno.

Meu agradecimento se estende aos que me ajudaram no processo de produção deste documentário, à minha tia Luciane Tereza e a minha prima Andressa Dias, que me acolheram com amor, em Brasília/DF, durante parte das gravações deste trabalho.

Aos meus familiares que sempre estiveram ao meu lado me incentivando e vibrando com alegria em cada etapa desta graduação. Aos meus amigos, que celebram comigo cada conquista nesta vida. Minha eterna gratidão!

A força da mulher não está no grito, mas na firmeza silenciosa de quem sabe o que quer.

(Rachel de Queiroz)

RESUMO:

O documentário *O mundo por elas* traz narrativas sobre a vida, cotidiano e carreira de seis mulheres jornalistas que por meio de muito trabalho consolidaram suas carreiras em grandes emissoras. As jornalistas relatam momentos marcantes em suas carreiras, que vão além do solo brasileiro, e destacam a importância do espaço feminino no mercado do jornalismo. Elas trazem em pauta a desigualdade de gênero que encontram no mercado, o enfrentamento de preconceito com as mulheres nas redações e nas coberturas jornalísticas, além da luta contra dificuldades e barreiras vencidas na trajetória profissional. Prenunciando melhorias, falam sobre o que esperam para o futuro do jornalismo.

Palavras-chave: jornalista, mulher, jornalismo, desafios, carreira.

ABSTRACT:

The documentary "The World Through Their Eyes" presents narratives about the lives, daily routines, and careers of six female journalists who, through hard work, have built their careers at major broadcasting companies. The journalists recount significant moments in their careers, which extend beyond Brazilian borders, and highlight the importance of women's space in the journalism market. They address the gender inequality they encounter in the market, the confrontation with prejudice against women in newsrooms and journalistic coverage, as well as the struggle against difficulties and barriers overcome in their professional journeys. Foreseeing improvements, they discuss what they hope for the future of journalism.

Keywords: journalist, woman, journalism, challenges, career.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	11
REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
1. Documentário.....	11
1.1 Documentário: conceitos e teorias.....	11
1.2 Técnicas de produção do documentário.....	13
1.3 História do filme documentário no Brasil.....	16
2. AS MULHERES NO JORNALISMO.....	19
2.1 As mulheres na história do jornalismo brasileiro.....	20
2.2 Conquistas e desafios para as jornalistas brasileiras.....	22
2.3 Eu, mulher, no jornalismo.....	26
CAPÍTULO II.....	28
MEMORIAL	
Nathália Rocha Dias.....	28
CAPÍTULO III.....	31
DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICES.....	35
APÊNDICE I ROTEIRO.....	35
APÊNDICE II AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO.....	48

INTRODUÇÃO:

O documentário *O mundo por elas* aborda o cotidiano e a construção de carreira de seis mulheres jornalistas que falam sobre a importância da conquista do espaço feminino no campo jornalístico, a percepção do mercado de trabalho e experiências na carreira que às moldaram. Além de relatarem situações constrangedoras nos ambientes de trabalho. O filme conta com diversos pontos de vista e a particularidade da vivência de cada personagem.

Considerando que a luta para a conquista do espaço feminino deu início ainda no século XVIII, a narrativa das componentes da grade de entrevistas desse documentário expressa que ainda há muito para ser conquistado e que essa luta, geralmente, não é conhecida por todos. Nichols (2010) expressa que o mundo é mais do que a soma das evidências visíveis que deduzimos dele. Movimentos de resistência que, muitas vezes, permanecem no campo da invisibilidade.

A composição de atuações em diferentes polos jornalísticos possibilitou uma gama de histórias diferentes, sendo possível a análise do comportamento de cada área, considerando que o jornalismo se configura com facetas de distintas áreas de atuação que exigem competências específicas e abordagens próprias.

As pesquisas realizadas na área de atuação da mulher no jornalismo harmonizaram com os relatos gravados e discutidos em off para que o interesse da produção se aprofundasse no assunto tratado, com o objetivo de expor ao público as conquistas e realizações profissionais de jornalistas de grande renome.

Os estudos sobre os conceitos, técnicas e a história do documentário no Brasil propiciaram a execução de um excelente trabalho, resultante no documentário *O Mundo por Elas*. Também os conhecimentos adquiridos ao longo do processo formativo em jornalismo estiveram presentes na elaboração, roteirização e execução do filme.

Durante todo o processo de produção do filme, não foram encontradas resistências por parte das entrevistadas, nem mesmo dificuldades de encontrar materiais para estudo. No campo técnico, as gravações foram captadas no Congresso Nacional, e na praça dos Três Poderes, em Brasília - DF, sendo campo de atuação de três entrevistadas. As demais, em lugares distintos da cidade de Goiânia, Estado de Goiás, berço de profissionais que não mais residem na capital, mas que tiveram suas carreiras iniciadas nas ruas da grande cidade.

Os recortes foram feitos baseados na intenção da autora deste trabalho de apresentar a quem assiste as histórias e conquistas de mulheres que trabalham comprometidamente com a verdade, princípio fundamental que origina e legitima o fazer jornalístico.

O processo de produção enriqueceu o saber da aluna na apuração, escrita, técnicas de gravação e olhar jornalístico, o que proporcionou a possibilidade de vivenciar a prática interrogativa, característica fundamental na atuação jornalística.

Sobre a metodologia, a produção foi feita com o levantamento das jornalistas que seriam entrevistadas. Entrou-se em contato com elas pelas redes sociais e pelo WhatsApp. A gravação foi realizada com celular I Phone XR e uso de iluminação artificial LED. A montagem do filme foi feita no programa de edição de vídeo Adobe Premiere e After Effects.

REFERENCIAL TEÓRICO

1.Documentário

O filme documentário não ficcional deriva-se de vertentes da realidade a serem mostradas para o público. O documentário estabelece uma relação direta com o real, elaborado a partir de registros factuais, entrevistas, imagens de arquivo, cenas do cotidiano e uma narrativa que articula esses elementos com intencionalidade discursiva. O documentário, diferente de filmes ficcionais, busca mostrar a realidade tal como é, a expor o recorte social do mundo.

1.1 Documentário: conceitos e teorias

Existem várias definições para o filme documentário, que foram elaboradas ao longo do tempo, desde que o cinema foi criado e teve a primeira exibição pública em 8 de julho de 1896 na cidade de Paris. Algumas se referem ao fato de o documentário procurar trazer ao público aspectos da realidade. Sobretudo como recorte do pensamento do diretor.

Para Holanda (2009), considera-se que existe uma sondagem particular do documentário, quando o diretor escolhe determinado tema, fazendo o que a autora chama de recorte mínimo, quando coloca em cena pessoas ou alguns grupos representativos de segmentos sociais importantes. Holanda (2009, p.5) ainda afirma que:

O indivíduo destacado não está mais a serviço da representação de um tipo, ele aqui é fragmentado, muitas vezes incoerente, contraditório, dramático, merecedor de compaixão, repulsa ou indiferença pelas características próprias que sua individualidade revela e não pelo tipo que representa. Ele agora é representado na sua pluralidade, ele agora é humano.

Ramos (2001, p.2) considera que o documentário é tido como um lugar tradicional com normas e regras próprias que precisam ser seguidas para ter um bom filme. O autor afirma que “extrapolar estas fronteiras é um atestado de inventividade e criatividade.”

Dialogando com Ramos (2001), Nichols (2005, p. 20) discorre sobre a tradição do documentário, que, para o autor, “está profundamente enraizada na capacidade de ele nos transmitir uma impressão de autenticidade.” Nichols destaca que a força da imagem no filme que mostra uma determinada realidade.

E essa é uma impressão forte. Ela começou com a imagem filmica bruta é a aparência de movimento: não obstante a pobreza da imagem e a diferença em relação à coisa fotografada, a aparência de movimento permaneceu indistinguível do movimento real. (Cada quadro de um filme é um fotograma; o movimento aparente baseia-se no efeito produzido quando os fotogramas são projetados rapidamente um depois do outro.) (Nichols, 2005 p.20).

Analisando as teorias sobre o filme documentário, é pertinente citar Guimarães (2019 p.100) quando afirma que nem sempre se conhecem o personagem que está na tela, ou seja, o outro cultural.

Mas sempre temos alguns enquadramentos e julgamentos prévios que acabam por moldá-lo em alguns pré-conceitos que carregamos. Devemos nos perguntar: quem é esse “nós” que reconhece/desconhece um Outro? Quem em “nós” ouve, vê, sente? Por que o faz de certas maneiras e não de outras? Quais são os legados de pensamento e sentimento, quais os paradigmas de ser e existir que nos formam para que tenhamos certos efeitos de um certo outro em nós, e não de outros/Outros? Assim é com cineastas, assim é com quem assiste como público. O outro não é muitas vezes o Mesmo.

Ao mesmo tempo, Ramos (2001 p. 6) percebe que no documentário é possível realizar asserções sobre diversos aspectos que está a volta de todos. Para o autor, “a ideia é que, ao vermos um documentário, em geral temos um saber social prévio, sobre se estamos expostos a uma narrativa documental ou ficcional. Como espectadores, fruimos a narrativa em função deste saber prévio”.

O documentário não é sobre o imaginário ou sobre o futuro. O documentário é a análise crítica do presente, do agora, da realidade do outro. É um momento em que o diretor dá voz ao outro, para que explique o seu mundo interior.

No relato da realidade, o documentário provoca a reflexão e a consciência do mundo para aquele que assiste. Para Ramos (2001, p. 8), as cenas dos bastidores da vida encantam. O que torna um filme surpreendente é a surpresa no seu final, o que é característico no documentário.

As comoções sociais que sua exibição provoca, são prova da intensidade exponencial que estas imagens possuem. Imagens pictóricas ou descrições orais/escritas de testemunhas oculares, a partir dos mesmos fatos, obtêm reações qualitativamente diversas. Em nosso ponto de vista, este tipo de intensidade deve colocar-se no cerne de qualquer trabalho analítico mais amplo que debruce-se sobre as imagens não ficcionais.

Rodrigues (2010, p. 63) defende que os elementos estéticos fazem a realidade pulsar no interior do filme documentário, uma estética que se tornou marca tradicional desse gênero cinematográfico. São elementos que foram usados “historicamente e trazem em si a memória dessa história de usos e sentidos. É uma reunião de formulações, discursivas e históricas, que imputa às obras o valor documental e atesta sua aparente unidade enquanto realidade”.

Concordando com Rodrigues, sobre o fato de que o filme documentário tem uma estética própria, Nichols (2009) classificou os filmes documentários em seis modos de produção: expositivo, observacional, participativo, reflexivo, poético e performático. Cada um desses

modos traz uma maneira específica de trabalhar com a realidade na forma documental de registro filmico.

O documentário *O mundo por elas* foi produzido dentro dos parâmetros dos modos observativo e expositivo. Observativo porque, além da captação das entrevistas, são mostradas as vivências e experiências das mulheres jornalistas, levando ao público o poder de análise. O filme estuda o universo jornalístico e as contribuições de mulheres, que se doam com o objetivo de transcrever o mundo, sendo fiel a verdade. Sobre o modo observativo, Nichos (2009, p. 127) reforça que:

mesmo quando os documentários se voltaram para a montagem de evidência e a reunião de material de várias épocas e lugares, as técnicas de montagem em continuidade facilitaram o fluxo de uma imagem para outra, combinando continuidade no movimento, ação, ângulo de olhar e escala de um plano para outro. Todos esses avanços encontraram utilidade no documentário, mais ativamente, talvez, nos filmes estritamente observativos (como *Primárias* ou *Salesman*), que observavam de fora a vida das pessoas e convidavam o público a interpretar o que via como se fosse ficção.

Já o modo expositivo está impregnado o filme pelo fato de as imagens mostrarem os bastidores da verdade, e da individualidade do trabalho jornalístico, trazendo ao mundo acontecimentos que, muitas vezes, são restritos ou esquecidos por muitos. De acordo com Nichols (2009, p. 142), esse modo reúne fragmentos do mundo vivido numa estrutura “mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética. O modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história.

1.2. Técnicas de produção do documentário

No processo de produção do documentário, é preciso ter um olhar crítico. O diretor considera pontos interessantes para o espectador, o que mais adiante se torna a visão crítica do próprio espectador.

É como se as imagens, inicialmente capturadas do ponto de vista do diretor, contraíssem gradualmente a visão do personagem até o momento em que não pertencessem mais nem a um nem a outro, transformando ao mesmo tempo a própria experiência do espectador (Lins, 2007, p.2)

Com o desenvolvimento da indústria cinematográfica, a elaboração do filme documentário sofreu alterações, algumas técnicas foram anuladas e outras aperfeiçoadas. O modelo de documentário preso aos moldes ficcionais, dito por Puccini (2007) foi reformulado, trazendo a realidade em seu novo estilo.

No início, os documentaristas estudavam como se conectar com o mundo, mesmo depois de tantos filmes já produzidos. Essa era a grande questão, como produzir sem cair nos

meros clichês. Lins (2007, p.3), analisa os filmes produzidos por Cao Guimarães e reconhece que o diretor tem uma estética própria

É como se houvesse, antes de tudo, pairando no ar, uma questão imensa, questão de vida, em que os cineastas se perguntassem como se relacionar com o mundo diante de tantas possibilidades, de tantos filmes já feitos, de tantas imagens prontas, sem sucumbir nem ao caos nem aos clichês.

De acordo com Lins (2007, p. 4), o chamado dispositivo-poema, concebido por Cao Guimarães, é uma estratégia criativa que transforma palavras em motor de ação, conduzindo os cineastas por um caminho de filmagem aberto ao acaso, à duração e à contemplação, rompendo com o planejamento tradicional e permitindo que o real se imponha com liberdade e poesia.

O dispositivo-poema torna-se, portanto, uma máquina de produzir imagem e adquire, como todo dispositivo, um certo poder sobre os cineastas. Decide por eles onde vão filmar; retira deles o direito de recusar uma cidade caso não gostassem dela, porque nesse caso o poema deixaria de funcionar. Diminui o excesso de intencionalidade. É um jogo, que tem suas regras, às quais eles devem se submeter.

À deriva do tempo, técnicas para a criação e gravação de filme documentário foram mudando. Para Rosenthal (2004), o filme documentário se tornou mais fácil com o passar dos anos e, de certa forma, pela falta de uma grande elaboração, tende a perder sua credibilidade.

Suspeito que exista uma outra razão para a sua popularidade; esse documentário parece exigir menos trabalho do que formas mais antigas do gênero. Aparentemente, você não precisa fazer nenhuma pesquisa. Você não precisa escrever aqueles roteiros chatos e narrações tediosas. Você não precisa se preocupar com nenhum pré-planejamento; você apenas sai e filma.

Em contraposição à crítica de Rosenthal (2004), Puccini (2007, p. 20) defende que a tese deturpada do teórico de que o documentário foi corrompido é sem fundamento, já que grandes documentaristas e teóricos comprometidos com a prática ainda produzem materiais que requerem grande elaboração, os quais exigem extensos processos de pesquisa, cuidadosos recortes temáticos e complexas etapas de montagem e edição.

Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da ideia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por uma consciência subjetiva.

Inicialmente, para produzir um documentário é necessário esclarecer técnicas indispensáveis que norteiam o roteirista. É necessário planejar o recorte a ser abordado. “Definir os propósitos de uma sequência nem sempre ajuda a construir a estrutura do documentário. A construção da estrutura está diretamente relacionada ao tratamento e exposição do assunto do filme” (Puccini, 2007, p. 112).

Para o autor, o tema a ser tratado no documentário é despertado por meio de “desejos pessoais de investigar ou divulgar assuntos recorrentes na sociedade, seja ele de interesse público ou privado” (Puccini, 2007, p. 76). Para ter convicções sobre a importância do tema, o realizador precisa fazer a pesquisa e ter domínio sobre o assunto que quer filmar.

Para Hampe (1997, p. 126), é recomendado ao realizador seguir três passos: que deixe claro a “justificativa para a realização do documentário; que demonstre saber qual tipo ideal de documentário para a abordagem do assunto em questão; e que convença sua equipe de produção que é a única capaz de realizar o filme proposto”.

Após a fase da pesquisa, o diretor e sua equipe fazem a produção, que é a escolha de locações e personagens. Também a preparação dos equipamentos para a captação de imagens e entrevistas. Ainda, a marcação do dia e horário para as gravações (Puccini, 2007).

Depois de feita a produção, a equipe parte para a forma prática, a captação de entrevistas por meio de imagens e sons. É nessa etapa que o documentário se desenvolve. Puccini (2007) alerta sobre a roteirização do documentário. Cada documentarista possui a sua forma de produzir, tem aqueles que seguem o pré-roteiro à risca, outros já trabalham à deriva do tempo, deixam-se levar pelos acontecimentos ao longo das gravações, e pegando gancho entre uma entrevista e outra.

O documentário *O mundo por elas* foi realizado com o propósito de exibir histórias de mulheres que fizeram a diferença no campo jornalístico. O intuito do filme é despontar acontecimentos históricos, trabalhos marcantes realizados por jornalistas. Rosenthal, por Puccini (2007, p. 95.) destaca o que é um filme documentário. “Uma das funções do documentário é contar aquelas fantásticas histórias reais”

No filme *O mundo por elas*, foram realizadas entrevistas com as personagens, com a finalidade de evidenciar que se trata de uma obra documental.

A exploração do recurso da entrevista como principal ponto de sustentação da estrutura discursiva do filme vem a ser uma das características do documentário, à qual filmes de ficção muitas vezes recorrem sempre que desejam possuir uma aparência documental (Puccini, 2007, p. 100).

A partir das gravações realizadas, o diretor deve selecionar as falas que se articulam adequadamente à sua ideia inicial de produção. A implementação dessa solução ocorre, de forma sistemática, durante a etapa da decupagem, pois “essa transcrição pode ser feita de maneira detalhada, palavra por palavra, ou se contentar com a anotação de tópicos que resumam o assunto de cada parte da entrevista.” Teoria que consiste em transcrever as entrevistas detalhadamente para obter clareza sobre o material e auxiliar no momento de elaborar o roteiro.

Para Rabiger, por Puccini (2007, p.189), “Tendo recortado os trechos mais interessantes, da cópia das transcrições originais, o documentarista pode então reorganizar esse novo material pensando já em uma estrutura para o filme”. Após o recorte das falas que mais atendem a necessidade do roteiro, quem está produzindo deve alinhar os recortes para a estrutura do filme.

Todo conteúdo produzido chega à etapa da montagem do filme documentário. Puccini (2007) garante que o documentarista tem total domínio sobre o filme a partir desse momento. A montagem do filme é resultado de um processo longo de elaboração e roteirização que orienta, definindo a união de texto e imagem, dando forma final ao produto.

A primeira edição, pensada a partir do roteiro, chama-se primeiro corte. Quando o montador interfere em alguma fala ou cena, retirando parte ou mudando a fala de lugar, seguem-se os cortes seguintes, até chegar à finalização do filme, com a colocação de legendas, título do filme, créditos finais e a trilha sonora.

1.3. A história do filme documentário no Brasil

Afonso Segreto e Paschoal Segreto trouxeram equipamentos de filmagem e de exibição de filmes para o Brasil, em julho de 1896. As salas de exibição foram criadas primeiro no Rio de Janeiro, indo depois para São Paulo. “A bordo do paquete francês ‘Brésil’ nasceu o cinema brasileiro” (Gomes, 1996, p. 21). Afonso Segreto filmou a Baía de Guanabara a bordo de um navio, a partir daí, os deslumbrantes registros da vida em movimento se popularizaram, sendo presentes em acontecimentos importantes na elite e política brasileira.

Em 1922 completava-se 100 anos da independência do Brasil, e para comemorar tal data, o governo do então presidente Epitácio Pessoa criou uma comissão para organizar a festa do Centenário de Independência. Entre as atrações do evento, o cinema não poderia faltar (Câmara; Lessa, 2013).

Diversos filmes foram produzidos de maneira regionalista, eram montados em passeios a fim de mostrar paisagens e tradições regionais. Geralmente, retratos assim eram realizados por estrangeiros, especialmente, europeus, que mais a frente, se converteram em cinegrafistas. Essas tomadas documentais eram conhecidas como “tomadas de vista” e prevaleceram até o ano de 1908. Essas pequenas produções eram realizadas por todo o país com temáticas regionalistas, mostrando as belezas, costumes e tradições das diferentes regiões (Gonçalves, 2006).

A carência de infraestrutura para a produção dos filmes documentários durante os séculos 10 e 20, requeriam melhores equipamentos, com essa necessidade, câmeras e equipamentos mais aprimorados começaram a ser adicionados nas produções documentárias. Os filmes etnográficos levavam ao Brasil urbano imagens de um país imenso e desconhecido, divulgando as ações oficiais de integração nacional e a imagem idealizada de um índio ainda selvagem (Gonçalves, 2006 p. 80).

Dessa forma, o filme *Rituais e Festas Bororo*, de 1917, é considerado pela crítica cinematográfica como “uma das primeiras experiências de sucesso na montagem cinematográfica do cinema brasileiro, além de um dos primeiros filmes antropológicos do mundo” (Gonçalves, 2006 p. 81).

O cinema novo chegou em debates e congressos sobre documentário nos anos de 1952 a 1953, influenciados pelo estilo documental estrangeiro. Os documentaristas rompem modelos que antes eram seguidos. Dois filmes são considerados pioneiros do Cinema Novo. O primeiro é *Arraial do Cabo* (1959), de Paulo César Saraceni em parceria com o fotógrafo Mário Carneiro. O documentário retrata a vida social de uma comunidade de pescadores, que sofreu influências com a instalação de uma grande empresa na redondeza. Outro documentário destacado foi *Aruanda* (1959), gravado em Santa Luzia do Sabagi, Paraíba, que retrata a vida sertaneja de uma comunidade de negros, perdida no interior do estado.

Altafini (1999, p. 11) considera que “foi no Cinema Novo que o documentário brasileiro alcançou suas maiores realizações. A maior parte dos cineastas cinemanovistas começaram com o documentário de curta-metragem”.

No final dos anos 1960, surge o documentário moderno, que migra do registro de belezas naturais, da flora e fauna, para mostrar para o mundo o subdesenvolvimento de cidades, e juntamente, o aumento da desigualdade social, como na cidade de São Paulo. “Surtem alguns filmes que irão antecipar questões estéticas caras à formação do movimento do cinema novo” (Gonçalves 2006, p. 82).

A opressão do governo para vários cineastas foi recorrente na vida de profissionais, a exemplo Eduardo Coutinho, o maior documentarista brasileiro, que deu início à sua carreira sendo perseguido pela ditadura da época. Em 1964, Coutinho teve as gravações do seu filme *Cabra Marcado para Morrer*, interrompidas pelo governo da época, sendo finalizado somente 20 anos depois. Logo em 1966, João Batista de Andrade teve o seu filme *Liberdade de Imprensa* apreendido pelo Exército (Gonçalves, 2006).

Para Vladimir Carvalho, o processo foi marcado por censuras. Em 1960, ele inicia a produção do longa-metragem *O País de São Saruê*, realizado em três etapas: a primeira, em 1966, interrompida pela chuva; a segunda, em 1967, finalizando a fase anterior e, a terceira, em 1970, ano de conclusão do filme. Em 1971, o documentário é vetado sem sugestão de cortes. Ficaria censurado até 1979 (Gonçalves, 2006).

No final dos anos 1960, a televisão começa a ganhar reconhecimento, é nesse período que ela se torna importante. Segundo Gonçalves (2006 p. 84), nessa época “surtem experiências significativas na busca por formatos de documentários televisivos ou jornalismo investigativo”.

Com o surgimento do telejornal brasileiro *A Hora da Notícia*, na TV Cultura de São Paulo, em 1972, João Batista Andrade foi chamado para produzir “pequenos documentários diários” para o jornal, o que agora levam o nome de reportagens, para mostrar imagens e acontecimentos que a ditadura ocultava. Mas, no mesmo ano, o telejornal deixa de ser exibido após de grande perseguição política.

Após mudanças significativas no fazer documentário, chega-se ao formato contemporâneo. Para Gonçalves (2006), a expansão desse gênero cinematográfico no Brasil mostra sua vitalidade no cinema contemporâneo. O autor considera que o custo acessível de equipamentos, principalmente para gravação e montagem do filme, permitiu o aumento do número de documentários produzidos.

A diminuição no tamanho dos equipamentos digitais, a facilidade no transporte e a consequente diminuição das equipes, têm proporcionado o surgimento de obras construídas em primeira pessoa, aonde a relação do realizador com a realidade vai muito além de questões sobre a representação do real (Gonçalves, 2006, p. 89).

A obra *Lixo Extraordinário* (2010) da diretora Lucy Walker, foi indicado ao Oscar de melhor documentário em 2011. Gravado no maior aterro sanitário do mundo, Jardim Gramacho, que, naquela época era localizado no Rio de Janeiro, o filme desperta reflexões sobre trabalho, dignidade, valor humano e causa ambiental. A obra traz as histórias reais de catadores de material reciclável que ali trabalhavam. O fotógrafo brasileiro Vik Muniz convidou os trabalhadores para produzirem, em um estúdio, as fotografias ampliadas e trabalhadas artisticamente com materiais que saíram do aterro. A participação nas gravações e o conhecimento do artista plástico despertaram o olhar para um outro talento dos trabalhadores, de que coisas extraordinárias podem sair de materiais provenientes do lixo (Aleksander, 2014).

Retratando a vida e carreira de Sebastião Salgado, fotógrafo brasileiro renomado mundialmente, o documentário *Sal da Terra* foi indicado ao Oscar na categoria de melhor documentário, em 2015. Sob a direção de Win Wenders e Juliano Salgado, o filme mostra três grandes fases do trabalho de Salgado com os álbuns de fotografias criados a partir da temática abordada: “Trabalhadores” que traz um olhar atento para a força e a dignidade do trabalho humano; “Êxodos”, no qual o fotógrafo percorre guerras, regiões onde a fome se faz presente, cenários que retratam a desigualdade global e “Gênesis”, quando os diretores acompanham o trabalho de Sebastião Salgado voltado à natureza, traduzindo a reconexão do homem com a

terra. O documentário biográfico trilha os caminhos e projetos que fizeram de Sebastião Salgado, um dos nomes mais conhecidos da fotografia (Andrade, 2015).

Democracia em Vertigem (2019), obra de Petra Costa, cineasta jovem e mulher, foi indicado ao Oscar de melhor documentário em 2020. A produção retrata acontecimentos políticos marcantes no Brasil, como as manifestações de 2013, a eleição e impeachment de Dilma Rouseff, a eleição de Jair Bolsonaro e a prisão de Lula da Silva. Durante os três anos de gravação, Petra exhibe com detalhes, os acontecimentos e seus bastidores com cenas reais, levando ao público a uma experiência profunda dos eventos por meio de apresentação dos fatos. Para White (2013, p. 101),

O real testa os limites da representação e supera os mecanismos seletivos do nosso controle consciente. Se, nestes termos, o real é a existência de mundos que independem de nós, a realidade social, em contraste, é uma fatia do real que foi culturalmente engendrada, processada e fabricada por uma variedade de discursos, perspectivas dialógicas e pontos de vista contraditórios. Ao contrário dos repertórios surrealistas da desfamiliarização ou das invenções da imaginação fantástica, as estéticas do realismo podem oferecer retratos críticos da “experiência do mundo” não porque engendram uma representação insólita de uma “realidade estranhada”, mas porque fazem a “realidade” tornar-se “real”.

Produzido em 2024 pela cineasta e antropóloga Petra Costa e o ator norte-americano Brad Pitt, *Apocalypse nos Trópicos* chega ao cinema e às plataformas de streaming em 2025 relatando a influência evangélica na política brasileira. Petra Costa, que já teve uma de suas obras “*Democracia em Vertigem*” indicada ao Oscar na categoria melhor documentário, produz mais um filme sobre a política brasileira. Durante as gravações, Petra participa de encontros e conversa diretamente com os personagens, adotando o modo participativo de Nichols (2005), interagindo com os personagens e registrando as conversas e encontros.

2. AS MULHERES NO JORNALISMO

Como em várias áreas de atuação profissional, no jornalismo não foi diferente para as mulheres, que conquistaram seu espaço com dificuldades, enfrentando preconceito e rivalidade com o sexo masculino. Se na atualidade é comum a existência de mulheres em diversos cargos nas redações dos veículos da comunicação, seja no rádio, jornal, televisão, ciberjornalismo, ou na cobertura esportiva, nos séculos XIX e XX esse início da profissão foi marcado pelo desejo de atuar na imprensa, porém, desafiando a ordem social vigente.

2.1. As mulheres na história do jornalismo brasileiro

Em uma breve história da imprensa no Brasil, em pequenas colaborações, as mulheres se inseriram no mercado jornalístico no final do século XIX, contribuindo em colunas que, na época, eram consideradas femininas, como moda e beleza, educação e cultura. Joana Paula Manso de Noronha, argentina que imigrou ao Brasil, lançou em 1852 o primeiro periódico brasileiro, que contava em suas produções “senhoras dotadas de inteligência” para escreverem e publicarem seus materiais, porém, os textos publicados eram órfãos de assinaturas, deixando um mistério sobre quem o escrevia. (Oliveira, 2017). A direção do jornal passou para as mãos de Violante Atalipa Ximenes de Bivar de Velasco após seis meses da publicação, e assim, sucessivamente, a diretoria do *Jornal das Senhoras*, em mãos femininas” (Martins, 2012, p. 46).

Ainda no século XIX, a revista *Belo Sexo* foi lançada no Rio de Janeiro por mulheres que já tinham liberdade para assinar seus textos. Acendeu-se em Minas Gerais a revista *Sexo Feminino*, dirigida por Francisca Senhorinha Motta Dinis. Dessa data adiante, outras talentosas mulheres surgiram para levar ao mundo os seus escritos de distintos assuntos, inclusive, a publicação *O Leque*, de Amélia Carolina da Silva Couto, recomendava a libertação das mulheres. (Martins, 2012, p. 47).

Logo após o retorno de Joana à Argentina, Violante progrediu ao redigir o jornal *O Domingo*, saindo da temática feminina de moda, cultura, beleza e educação. O jornal foi inaugurado em novembro de 1873, atraindo leitores de todas as classes e gêneros. A escritora comemorava e clamava pelo “desenvolvimento intelectual das faculdades femininas” (Ribeiro, 2023 p. 225).

Bem quisera continuar a escrever, porque só quando escrevo a mulher é que reputo verdadeira, a frase que por aí anda nessas publicações de moda – os jornais – que a missão do escritor é sublime. Sublime, e bem sublime é ela, mas é que, infelizmente, esses mesmos que apregoam e a miúdo esta verdade eterna, são os que a olvidam mais vezes.

Buscando a propagação dos trabalhos jornalísticos, outra figura marcante na luta da mulher jornalista foi Amélia Carolina da Silva Couto, que, em 1879 lançou *Echo das Damas*, e com a ajuda de seu marido, José Araújo Couto, que também trabalhava no ramo jornalístico como editor redator e produtor colaborativo, viajavam juntos por todo o país em busca de alcançar maior circulação e propagandas para o jornal. Amélia foi destaque na busca pela emancipação e consolidação feminina no mercado do jornalismo, ainda na década de 80, “Amélia passou a publicar o seu jornal diariamente, o que gerou grandes gastos em materiais importados de Nova York, a jornalista então foi em busca de mais propagandas para geração de capital, a fim de manter os gastos da produção”. (Ribeiro, 2023, p. 229)

Grandes foram os desafios enfrentados por mulheres jornalistas, na época, elas tinham que manter o jornal com o seu próprio dinheiro. “Muitas atravessaram crises financeiras, dificultando a continuidade de seus negócios. Além do financeiro, as mulheres ainda precisavam lidar com comentários negativos e desmotivantes de seus parceiros de profissão” (Ribeiro, 2023, p. 229).

Com o crescimento do mercado da notícia, grandes investidores começaram a capitalizar as redações jornalísticas em busca de retorno financeiro. No entanto, grandes jornais liderados e financiados por mulheres acabaram encerrando as atividades por dificuldades em continuar suas produções, mas Josephina Álvares de Azevedo, ao lado de Ignez Sabino Maia, conseguiram transformar seu jornal em 1891, em uma empresa capitalista (Ribeiro, 2023).

De acordo com Ribeiro (2023), em 16 de abril de 1891 surge, durante um movimento de reestruturação do capital jornalístico do Rio de Janeiro, a Companhia Imprensa Familiar, cuja presidência passa pelas mãos das duas jornalistas. Atuando como redatora de *A Família*, Josephina recebia o salário anual de três contos de réis, prefixado no estatuto de criação da companhia. Muitos eram os interesses de Josephina na criação do jornal, como manter o papel decisivo dentro da sociedade, suas causas feministas e suas ambições profissionais.

Ribeiro destaca que mesmo Josephina recebendo o valor de três contos de réis, não existia um retorno financeiro real, já que muitas arcavam, por tempos, com as despesas dos jornais pelo próprio bolso, além de que a ideia de mulheres dentro das redações não era bem aceita naquela época. Resultando no não recebimento adequado, fazendo com que muitas migrassem da profissão.

Todavia, é impossível, nesse contexto até as suas últimas décadas, conseguirmos levantar os lucros ou salários reais obtidos. Primeiramente devido ao fato de que, como vimos, muitas investiram dinheiro do próprio bolso sem qualquer retorno para manter as ideias emancipacionistas em circulação. Além disso, ser empregado em redações de jornais diários ainda não era uma prática comumente aceita. Essas mulheres, ainda que tenham sido colaboradoras, possivelmente não receberam remuneração adequada relativa à identificação da categoria dentro da profissão, o que fez com que muitas transitassem por outros espaços. (Ribeiro, 2023, p. 233)

Após esse período de ascensão feminina, emergiram outras revistas, emissoras de rádio e em 1950, o princípio da televisão no Brasil, que possibilitaram novos espaços de trabalho e diferentes ofertas de cargos para as mulheres jornalistas ocuparem, luta essa que persiste até os dias atuais. Com nomes marcantes de pioneiras como Maria Gabriela e Glória Maria. Glória estreou não apenas como uma das primeiras jornalistas de televisão, mas uma mulher negra a ocupar o ofício.

É o olhar que faz a história. No coração de qualquer relato histórico, há a vontade de saber. No que se refere às mulheres, essa vontade foi por muito tempo inexistente. Escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, que se dê à relação entre os sexos um peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução das sociedades. O que não era o caso, e justamente por parte das próprias mulheres, inclusive as mais importantes (Perrot, 2005, p. 14).

Na atualidade, as mulheres são maioria no campo jornalístico, ocupam a maioria nas redações brasileiras. Dados mostram que 64% dos jornalistas brasileiros são do sexo feminino (Mick; Lima, 2013, Bandeira, 2019). Esse crescente ingresso feminino na profissão se deu na metade do século XX. Em 1986, “as mulheres ocupavam 36% dos quadros de jornalistas do país e uma década depois esse número ultrapassava os 40% (Rocha, 2004). Em 2006, segundo dados do Ministério do Trabalho, 52% das vagas de jornalista eram ocupadas por mulheres” (Bandeira, 2019 p.143).

Mesmo estando na maioria entre produtoras e repórteres, o sexo feminino é menor em relação aos postos mais altos da hierarquia (Bandeira, 2019) Em pesquisa feita por Ramalho e Ribeiro, as mulheres jornalistas afirmam que para chegar a um cargo de chefia, elas precisam trabalhar mais do que colegas homens, a fim de mostrar sua capacidade (Bandeira, 2019).

2.2. Conquistas e desafios para as jornalistas brasileiras

Um dos grandes desafios enfrentados pelas mulheres nas redações jornalísticas é a discriminação, seguida pela desigualdade. “A presença da mulher na imprensa foi crescendo gradativamente, no entanto, isso não significou ganhos reais em termos de igualdade de direitos e espaço igualitário” (Oliveira, 2017, p.18).

Para Kergoat (2009), a divisão sexual do trabalho e a complementaridade de serviços realizados por cada gênero mostra a dominância de poder masculino nesses ambientes. A análise e ressignificação do termo por antropólogas feministas revelam que há um poder masculino sobre o feminino, em que homens são requisitados para cargos de prestígio e postos de poder, enquanto para as mulheres são reservadas ocupações desvalorizadas e subordinadas socialmente (Kergoat, 2009, p. 67).

No filme *O mundo por elas*, a jornalista Tainá Falcão (2025)¹ pontua que a maioria das mulheres no jornalismo convergem para a minoria no poder “Se você olhar aqui, você já viu várias, né? Somos muitas num ambiente majoritariamente masculino. Somos muitas, mas ainda não somos tantas quanto deveríamos ser nesses espaços de poder em lugares de liderança.” Ainda que se tenha alcançado direitos e igualdade no século XX, a luta pela cidadania plena e

¹ Transcrição trecho de entrevista de Tainá Falcão do documentário *O Mundo por Elas* (2025).

a sua igualdade na prática ainda está longe de ser alcançada. Santos e Temer (2018) afirmam que o principal impasse para a vitória ainda é vencer os valores e ideologias machistas que ainda imperam na sociedade (Santos; Temer, 2018, p. 15).

Em Goiás, a jornalista Nathália Freitas foi vítima de assédio por parte do presidente do presidente do time Atlético Goianiense, Adson Batista, no qual fez um comentário indevido enquanto a jornalista o entrevistava. Durante a coletiva de imprensa, a jornalista perguntou ao presidente sobre o desempenho de um determinado jogador, ao respondê-la, Adson Batista mencionou que a pergunta feita pela jornalista foi porque ela achou o jogador “bonitinho”. Em defesa, Nathália Freitas rebateu o comentário citando que ela é uma profissional e logo depois se ausentou da coletiva de imprensa.

A grande questão é, até quando profissionais jornalistas serão subestimadas de suas capacidades? O caso de Nathália Freitas não é o primeiro, e não será o último. Nesta situação, apenas a jornalista Nathália foi prejudicada, pois ela precisou se retirar da coletiva de imprensa. Enquanto outros colegas jornalistas homens seguiram com a coletiva. Infelizmente, é o que ocorre publicamente e nos bastidores do mercado de trabalho, mulheres são provadas de sua inteligência e capacidade por todo o tempo. É o que explica Bordieu (1997, p.22)

Para Bordieu (1997, p. 22) “a violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou sofrê-la. Como evidencia a persistência estrutural desse machismo, Rocha (2004) coloca que essa condição é aceita pelas mulheres, de forma natural, sobre o limite ao acesso de oportunidades de granjear cargos de liderança, visto que, quando ocupado por mulheres, críticas e reclamações são constantes, incorporando-as como práticas consideradas convencionais.

Há 65,4% mais homens do que mulheres em cargos de poder (editores, coordenadores, diretores) em veículos jornalísticos no Brasil. Esta é uma das razões pelas quais 53,4% das jornalistas creem que homens têm maior capacidade de progredir em suas carreiras do que elas (Gonsales; Kutzke, 2019).

A dupla jornada feminina entre a maternidade e a carreira é outro ponto que se faz necessária a atenção. Pelo relógio natural da mulher e o curso da vida, muitas mulheres se desdobram entre filhos e construção de carreira. Traquina (2005) considera os efeitos nocivos que as longas e irregulares horas de trabalho têm sobre a vida do jornalista: “problemas de saúde, casamentos desfeitos, família adiada, economias fracas e ausência da vida privada” (Traquina, 2005, p. 53).

Na pesquisa realizada por Bandeira (2019), o relato de uma das entrevistadas mostra as dificuldades em conciliar a maternidade com a vida profissional:

Eu viajava enlouquecidamente. Eu era a repórter que mais viajava. Chegava em casa acabada. Com duas pequenas. E eu só queria cama para dormir. E ela acordava à noite, e eu dizia: não vou conseguir levantar. Às vezes mamãe levantava também... aí a gente conseguiu uma babá. Eu sei que no final das contas, meu marido disse: sua filha precisa de você. Ela tinha uns poucos meses e tava adoecendo muito, chegou a ser internada. Eram vários problemas, diarreia, gripe, imunidade baixa... só que eu tinha um negócio com o trabalho... que eu tinha que trabalhar. Eu sempre fui muito focada no trabalho. A gente tinha uma babá, que a gente achava perfeita. Quando eu cheguei num dia, o meu marido tinha demitido a babá. Aí eu disse, você demitiu, por quê? porque sua filha precisa de você, entendeu? você tem que parar. Ela precisa de você'. Eu esculhambei com ele, mas depois comecei a perceber isso. Aí fui dando uma desacelerada para ficar com as meninas, e estabelecendo horários na televisão, que antes eu não tinha (Bandeira, 2019, p. 149).

Outro cenário preocupante vivenciado pelas mulheres jornalistas é o assédio em distintas formas. De acordo com uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), o assédio moral chega até as jornalistas em forma de “brincadeiras”. Um exemplo é quando o chefe pede para a jornalista não engravidar para não “aproveitar” da licença maternidade, que é garantido pela lei.²

Em um tom de brincadeira, o assédio sexual respalda nas jornalistas mulheres em uma sala fechada, uma mensagem no WhatsApp. Com a facilidade da internet, abre espaço para assédio misógino, abusos, ameaças e violação de privacidade. Um total de “73% dos entrevistados que se identificaram como mulheres disseram ter sofrido violência online; 25% afirmaram que sofreram algum tipo de ameaça de violência física, incluindo de morte; e 18% apontaram que receberam ameaças de violência sexual” (Miranda; Nogueira; Carvalho, 2024, p.6) Além de afetar o psicológico dessas mulheres, muitas vezes elas são questionadas sobre sua capacidade intelectual ou de conseguir furos e informações cruciais, em brincadeiras com cunho sexual.

O limite entre a violência online/off-line é tênue, já que a internet não está descolada do espaço de sociabilidade que é construído no mundo real, e a violência online e suas consequências não estão restritas ao mundo online da vítima. Contudo, a violência de gênero no universo online assume na contemporaneidade contornos cada vez mais perversos, trazendo danos mais diretos para a vida das mulheres (Miranda; Nogueira; Carvalho, 2024, p. 207).

Outra fonte de assédio relatada por jornalistas é no próprio exercício de sua profissão, de fontes, em coletivas de imprensa, nas redes sociais quando encontra-se perfis como

² Consolidação das Leis do Trabalho. Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 ago. 1943, que garante o afastamento de 120 dias da gestante, sem alterar em seu salário.

“Jornalistas mais gatas”, batalhas de beleza de jornalistas, e comentários sexistas nesses tipos de vídeos. A porcentagem de jornalistas que já sofreram assédio quando entrevistava é alarmante: 86,7% (Gonsales; Kutzke, 2019).

Embora situações desagradáveis de assédio e discriminação ainda permeiam no jornalismo brasileiro, as mulheres estão dominando o espaço jornalístico, tanto nos cursos de Jornalismo nas universidades quanto nas redações. Cada vez mais mulheres têm se destacado na profissão.

No cenário goiano, nomes de mulheres são presentes em cargos de liderança, como a jornalista Silvana Bittencourt, que é editora chefe do jornal O Popular, de grande circulação no estado. E Brenda Freitas, que ocupa a cadeira de diretora de telejornalismo da TV Anhanguera, afiliada a Rede Globo. Já no rádio, a entrevistada deste documentário, Mariani Ribeiro, esteve a frente da rádio CBN por muitos anos, onde desempenhou um trabalho primoroso em uma das rádios de maior audiência no estado.

Além disso, mulheres são nomes presentes em reportagens e matérias premiadas mundialmente, como as jornalistas Glória Maria, Cleisla Garcia que também é entrevistada no filme *O mundo por elas*, onde conta de grandes premiações como o prêmio de jornalismo Vladimir Herzog. Em áreas dominadas por homens, mulheres se destacam em coberturas políticas e esportivas, e estão presentes na maioria das bancadas jornalísticas do mundo.

2.3. Eu, mulher, no jornalismo

“Eu tenho um orgulho tão grande de ser jornalista que ainda hoje, quando eu preencho ficha e que pergunto a profissão, quando eu falo que eu sou jornalista, quando eu escrevo que eu sou jornalista, eu ainda fico com os olhos cheios d'água. É a realização de um sonho” (Lília Teles 2025)³. Assim Lília Teles descreve a paixão viva que carrega em ser jornalista. Embora tenha passado por outros cursos, se formado em educação física e ocupar o posto de advogada, Lília Teles decidiu seguir o jornalismo por paixão, ela mesmo conta que já nasceu jornalista.

Mariani Ribeiro evidencia que o fazer jornalístico a mantém viva, “Então o jornalismo para mim é isso, é vida. Ele se mistura com a minha vida.”⁴ Após um longo processo de resistência em busca de liberdade profissional, hoje, mulheres jornalistas alcançam espaços e cargos que antes lhe eram sistematicamente negados. Grandes figuras dessa revolução, como Josephina Álvares de Azevedo (*A Família*), Amélia Carolina da Silva Couto (*Echo das Damas*), Violante A. X. Bivar e Velasco (*Jornal das Senhoras*) e Francisca Senhorinha da Mota Diniz (*O Sexo Feminino*) (Ribeiro, 2023 p. 218) percorreram caminhos que exigiram muita persistência e garra, para que, nos presentes dias, as jornalistas que compõem esse compilado de entrevistas pudessem usufruir dos bons frutos plantados.

Embora grandes avanços tenham sido alcançados, a história de mulheres jornalistas ainda é marcada por desafios persistentes, portanto, a luta por equidade no campo jornalístico ainda permanece em curso. A jornalista Tainá Falcão, que atua diretamente nos três poderes, destaca a desigualdade que há nas redações e no ambiente jornalístico. “Somos muitas num ambiente majoritariamente masculino. Porque quando você entra ali no plenário, aí a gente entende que é minoria. [...] Seremos muitas, mas ainda não seremos tantas quanto deveríamos ser nesses espaços de poder em lugares de liderança.”⁵

A importância da presença feminina no mercado de trabalho, especialmente no jornalismo, transpassa a pauta da representatividade, é necessário o olhar atento e cuidadoso da mulher no trato das coisas. Outros pontos de vista, opiniões e na maneira como a notícia é contada. Dentre vários relatos nesse teor, a fala da jornalista Danila Bernardes explica bem esse assunto.

Eu acho que a mulher no jornalismo tem um olhar mais focado, um olhar mais compreensivo e um olhar mais detalhista. Isso faz toda a diferença na hora de você contar uma história, na hora de você explicar para quem está assistindo, para quem está lendo a notícia, a história, o fato, o que está acontecendo.⁶

³ Transcrição trecho de entrevista de Lília Teles do documentário *O Mundo por Elas* (2025).

⁴ Transcrição trecho de entrevista de Mariani Ribeiro do documentário *O Mundo por Elas* (2025).

⁵ Transcrição trecho de entrevista de Tainá Falcão do documentário *O Mundo por Elas* (2025).

⁶ Transcrição trecho de entrevista de Danila Bernardes do documentário *O Mundo por Elas* (2025).

Na constante busca por equidade, percebe-se o desejo das jornalistas para que isso não seja mais um problema, para que não precise mais ser discutido sobre desigualdade e assédio. “Eu vou ficar feliz o dia que a gente não precisar discutir direito de mulher, direito de questões de diferença, né? Porque a gente precisa tratar isso tudo como a importância de direitos humanos. Nós somos humanos, nós somos da raça humana.” Cleisla Garcia.⁷

A união entre as mulheres jornalistas é essencial para o avanço na profissão, o incentivo de profissionais que já consolidaram sua carreira no jornalismo constitui um fator essencial para a motivação e o crescimento dos iniciantes. A jornalista Marina Demori, que compõe o quadro de entrevistas desse documentário, deixa um recado especial para as futuras jornalistas

Não desistam e para que não se sintam incapazes, para que busquem cada vez mais se profissionalizar, se especializar em uma área, seja na política, na economia, na cobertura do factual diário, em cidades no esporte. Acho que nós, mulheres, temos que ocupar cada vez mais espaços e a gente não pode ter medo disso.⁸

Portanto, com as narrativas aqui colocadas, percebe-se que a luta das mulheres na profissão do jornalismo segue abrindo caminhos para novas profissionais. Mulheres que possuem consciência da importância do trabalho que realizam. E querem mais espaço nas redações e no mundo do trabalho.

⁷ Transcrição trecho de entrevista de Cleisla Garcia do documentário *O Mundo por Elas* (2025).

⁸ Transcrição trecho de entrevista de Marina Demori do documentário *O Mundo por Elas* (2025).

MEMORIAL

Nathália Rocha Dias

A escolha do produto a ser apresentado no meu trabalho de conclusão de curso despontou após a minha presença em bancas de TCC que foram expostas na faculdade que eu frequentava. No primeiro dia em que estive na faculdade foi em uma aula da professora Eliani Covem, que na época, ministrava as aulas de comunicação audiovisual, e desde o princípio, já me senti abraçada por esse mundo.

Residindo em Anápolis, a BR 153 foi o meu caminho por todos esses anos. Foram quatro anos que eu despertava às 4 da manhã, em busca da minha profissionalização. E nesse caminho, eu encontrei amizades valiosas, que levo comigo até nos dias de hoje, que foram companhias fiéis nas madrugadas na van que nos conduzia até a universidade. Mas, nesse período, eu pude contemplar os mais belos nasceres do sol, em meio ao cerrado goiano, e por meio dessa maravilha, eu entendia quem estava me sustentando durante o meu processo formativo: Deus. Guardo com carinho todos esses momentos. Mesmo quando o cansaço chegava, eu nunca duvidei que estava na direção certa.

Ao passar dos semestres, estive na monitoria em comunicação audiovisual com o professor Enzo de Lisita, onde pude enriquecer o meu campo de conhecimento nesta área. No estágio, eu estive na PUC TV, onde encontrei grandes profissionais que, com muita dedicação, me ajudaram. Nas gravações de reportagens para o TJ Goiás, aprimorei o meu conhecimento nas técnicas de gravação, elaboração de texto e perguntas, dentre outros métodos essenciais para o bom andamento deste presente projeto.

Decidida em juntar dois grandes orgulhos que tenho na vida, ser mulher e estar no jornalismo, nasceu a ideia de trabalhar sobre o cotidiano de mulheres, que assim como eu, estiveram há algum tempo na universidade, no curso de jornalismo. Discutindo com alguns professores, decidi tirar esse sonho do papel.

Com o auxílio da professora Dra. Eliani Covem, discutimos sobre o enfoque, roteiro e quadro de entrevistadas deste documentário. Desde o início, não encontrei dificuldades que me impossibilitasse de encontrar personagens para discorrer sobre esse assunto.

Em maio de 2025, eu estive com a primeira entrevistada, a jornalista Lilia Teles, que é natural de Goiânia, mas atualmente reside no Estado do Rio de Janeiro, atuando como repórter especial da Rede Globo. Durante uma viagem dela à Goiânia, combinamos de nos encontrar. A jornalista foi prestativa e atenciosa. Algumas semanas antes do nosso encontro, eu estive com a professora Eliani Covem para a montagem do roteiro de perguntas, e o que mais me despertou

o interesse foi a experiência internacional que Lília Teles viveu quando esteve em Nova Iorque, como correspondente da Rede Globo. Por meio de seu depoimento, já na gravação, me vi nela.

Logo depois, eu estive entrevistando a jornalista Mariani Ribeiro, que comandou por muitos anos a rádio CBN, eu me recordo que o seu depoimento foi o que mais me chocou. Pela sua história, eu vi que a nossa luta por espaço ainda continua. Ela me contou em sua entrevista uma situação constrangedora que viveu quando estava comandando um programa de rádio. Ali, conseguimos perceber a discriminação combinada com o machismo na sua forma mais pura.

Com o auxílio da professora Eliani Covem, marquei uma entrevista com a jornalista Cleisla Garcia, em junho, durante uma viagem a trabalho da jornalista. Era sábado de manhã, eu e minha mãe pegamos o ônibus em direção à Goiânia (moramos em Anápolis), aquela entrevista me reservava muito mais do que um dia imaginei. Ouvi os relatos de Cleisla, ela me contou sobre suas experiências fora do Brasil. Mas naquela manhã eu tive uma aula de quem já trilhou este caminho. A jornalista compartilhou comigo dicas técnicas e valiosas dicas humanas, de como me tornar uma boa profissional.

Para a captação de entrevistas envolventes, me dirigi até Brasília, mais especificamente, na praça dos Três poderes, lá me encontrei com a jornalista Marina Demori, que atua diretamente cobrindo o legislativo, o executivo e o judiciário. A jornalista compartilhou em seus depoimentos o quanto se sente realizada e feliz em sua profissão. Marina é egressa da PUC Goiás.

Entrei em contato com a jornalista Tainá Falcão por meio do Instagram. Tainá é uma referência profissional que já acompanho há algum tempo. Pelo grande público que a segue nas redes sociais, enviei uma mensagem já sem esperanças de receber uma resposta. Mas fui surpreendida ao receber uma devolutiva carinhosamente atenciosa. Marcamos a data da entrevista. Infelizmente, um dia antes da minha viagem, o meu avô foi vítima de um acidente de trânsito. Aquela notícia me desestruturou. Tive medo. Entrei em contato novamente com Tainá para remarcarmos a entrevista, pois eu precisava estar ao lado do meu avô naquele momento. Tainá foi compreensiva e me ofereceu o tempo necessário para nos recuperarmos.

Cheguei ao Congresso Nacional, mais especificamente, no salão verde, onde os jornalistas se posicionam para entrar ao vivo e entrevistar os políticos. Ao ver aquela movimentação, senti o meu coração pular. Eu sabia que o meu lugar era ali. E durante a espera, conheci um colega cinegrafista, Luiz, e começamos a conversar sobre este projeto, quando ele me apresentou a jornalista Danila Bernardes. Danila também é egressa da PUC Goiás.

Durante a entrevista de Tainá Falcão, ela mencionou a minoria de mulheres naquele ambiente. Fiquei reflexiva quando a jornalista disse “Somos a base”. Naquele momento eu entendi a importância deste documentário.

Danila foi gentil comigo, me permitiu acompanhar sua rotina como jornalista. Logo mais, entrevistei essa jornalista que saiu de Goiânia, onde compartilhamos a mesma universidade, tivemos os mesmos professores, e agora ela está lá, em seu momento de destaque. Danila me contou a importância de saber lidar com as fontes, para não nos colocarmos em outro lugar, onde dificulta o nosso trabalho.

O itinerante de viagens entre Brasília e Goiânia me ensinou a importância de uma entrevista planejada. O processo de produção deste documentário me deu bagagem para futuras produções maiores e me moldou como uma futura profissional. Foram momentos de conexão com as entrevistadas, onde aprendi com quem já passou por esse caminho.

Ao finalizar esta produção, a autora deste trabalho e formanda carrega em si gratidão e contentamento com o resultado deste trabalho, que é sonhado desde o início de sua vida acadêmica.

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A produção deste documentário se deu a partir da necessidade da autora deste trabalho em juntar dois grandes orgulhos de sua vida, ser mulher e jornalista. Pesquisas foram realizadas durante esse processo de escolha de personagens para o quadro de entrevistas. Foram adicionados no enfoque do filme documentário as dificuldades enfrentadas por mulheres jornalistas em suas carreiras. Por uma certa afinidade com o jornalismo televisivo, grande parte das entrevistadas atuam nesta área.

Não foram encontradas dificuldades em contato com as fontes, nem mesmo dificuldades em expor suas experiências para o enriquecimento deste produto. A maior dificuldade encontrada foi a locomoção até os locais de gravação. Foi necessário hospedar por algumas vezes em Brasília/DF, onde residem três entrevistadas deste documentário. Também foi preciso viajar até Goiânia fora do horário de aulas para entrevistar outras fontes.

As gravações foram realizadas pela autora deste trabalho com uso de celular Iphone, modelo XR, para a captação de imagens e o microfone Lighting – H'Maston. A decupagem e roteirização também foi realizada pela autora deste trabalho, que escolheu momentos que agregaram mais às entrevistas. Também foram utilizadas imagens de apoio, retiradas de arquivos pessoais das entrevistadas, do site Memória Globo, e do canal no YouTube CNN Brasil.

A montagem ficou a cargo da Gato do Mato Produtora, por indicação de outro colega jornalista. Os programas utilizados pelo editor Elvis Godoi para a edição deste filme documentário foram Adobe Premiere e After Effects.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A decisão de produzir um documentário veio da ideia de mais proximidade com o público e maior interação com os entrevistados. A escolha pela temática do filme surgiu a partir da grande admiração pela história e carreira das entrevistadas. Também é válida a colocação da importância da mulher na sociedade, mais especificamente, no mercado do jornalismo.

Mesmo sendo maioria nas redações, o preconceito de gênero no mercado profissional jornalístico ainda existe. As dificuldades pelas quais mulheres jornalistas passam na construção de sua carreira são muitas, ainda mais quando precisam conciliar vida pessoal com filhos e longas jornadas de trabalho.

Este documentário busca, em sua essência, enaltecer o trabalho de grandes mulheres que construíram carreiras de sucesso no jornalismo. Mesmo enfrentando dificuldades como assédio, desigualdade, e discriminação por ser mulher. Sugere-se que novos produtos sejam feitos sobre esse tema para mostrar a importância das mulheres no jornalismo goiano e brasileiro.

Ainda há uma longa jornada pela busca de equidade e equilíbrio deste assunto tão relevante para a sociedade. Mais importante do que trazer as dificuldades que existem no caminho, é enaltecer o excelente trabalho prestado com responsabilidade à sociedade.

REFERÊNCIAS:

ALEKSANDER, Gabriel. **Resenha crítica do documentário “lixo extraordinário”**, 2014. Disponível em: <https://extraOrdinarios.wordpress.com/2014/08/06/resenha-critica-do-documentario-lixo-extraordinario/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

ANDRADE, Michel Renan Rodrigues de et al. **O sal da terra: A gênese de Sebastião Salgado**. Rev. Subj., Fortaleza, v.15, n.2, p.314-318, ago.2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000200015&lng=pt&nrm=isso. Acesso: 21 nov. 2025.

ALTAFINI, Thiago. Cinema Documentário Brasileiro: Evolução Histórica da Linguagem. 2018. Disponível em: <https://hosting.iar.unicamp.br/cepecidoc/cinema-documentario-brasileiro-evolucao-da-linguagem/> Acesso em: 21 set. 2020.

ANJOS, Alinny Ayalla Cosmo dos; OLIVEIRA, Luciana; COLUCCI, Maria Beatriz. **Documentário brasileiro contemporâneo: narrativas sociais e novos dispositivos**. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Intercom, 2014, João Pessoa. Anais. João Pessoa: Intercom, 2014.

BANDEIRA, Ana Paula. **A mulher no jornalismo brasileiro: o mundo do trabalho delas no mais antigo e no mais vendido jornal do país**. Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, vol. 6, n. 2, p.140-152, Jul/Dez, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DA-RIN, S. Espelho partido: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

GONÇALVES, Gustavo Soranz. **Panorama do Documentário no Brasil**. Revista Digital de Cinema Documentário, 2006, p. 76-91. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/buscador/documentos?query=Dismax.DOCUMENTALTODO=panorama+do+documentario+no+brasil>. Acesso em: 02 jun 2025.

GONSALES, Tatiane. KUTZKE, Letícia. **Mudanças na rotina profissional de mulheres jornalistas devido ao assédio sexual, verbal e moral**. Par-v4n2-2019-50618 Paradoxos, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 38-52, jul./dez. 2019.

HAMPE, Barry. **Making Documentary films and reality vídeos**. New York: Owl Book 1997, p. 126.

JORGE, Luiz Eduardo. **Cinema Documental e Realidade Social**. Iluminuras, V. 11, N. 26, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/18328>. Acesso 02 maio 2025.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67–75.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Aspectos do documentário brasileiro contemporâneo (1999-2007)**. Cinema mundial contemporâneo. Campinas: Papirus, 2008.

OLIVEIRA, Edileusa. **Mulheres Jornalistas: histórias, memórias e vidas**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal da Paraíba. Centro de Comunicação, Cultura e Artes – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo Profissional. João Pessoa, 2017.

Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12622/1/Arquivo total.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12622/1/Arquivo%20total.pdf) Acesso em: 20 ago. 2025.

MIGLIORIN, Cezar (org.). **Ensaio no real: o documentário brasileiro hoje**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013

MIRANDA, Cynthia; NOGUEIRA, Rose; CARVALHO, Michelly. **Violências contra mulheres jornalistas no exercício profissional: o cenário hostil vivenciado no Brasil**. Contracampo, Niterói, v. 43, n. 1, p. 01-15, jan./abr. 2024.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou o silêncio da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é documentário? In: RAMOS, Fernão Pessoa; CATANI, Afrânio (orgs.). **Estudos de Cinema – SOCINE 2000**. Porto Alegre: Sulina, 2001. p. 192-207.

RIBEIRO, Cristiane. **Mulheres jornalistas e as desigualdades de gênero – século XIX**. Rio de Janeiro. Revista Maracanan. Campinas, São Paulo, 2023.

ROCHA, Paula Melani. **As Mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo: O Processo de Profissionalização e Feminização da Carreira**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA, Flávia Vilela. **A evolução do documentário brasileiro**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 29., 2006, Brasília.

WHITE, Hellen. **O grande conflito: o porvir da humanidade**, Vol. 2. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE I – ROTEIRO

IMAGENS	ÁUDIOS
Cena 1 – Reportagem Lilia Teles Lilia Teles – Cobertura Eleições 00:02 – 00:11	“A resposta tem múltiplas escolhas. Esperança, devoção, fé na mudança de um país, que pode se refletir no mundo inteiro.”
Cena 2 – Tainá Falcão Reportagem Tainá Falcão 00:05 – 00:17	“A expectativa é de que o depoimento com novas informações sobre o caso ocorra já na próxima quinta-feira. O advogado de Mauro Cid, César Bittencourt, já teve duas conversas com o diretor-geral da PF, o Andrei Rodrigues.”
Cena 3 – Cleisla Garcia Reportagem Cleisla Garcia 00:13 – 01:28	“Aqui no Parque Nacional do Choube, os animais são assim, muito dóceis e permitem essa aproximação. Que num lugar normal, em outra situação, eles não permitiriam isso. A gente pode ver que eles estão bem perto. Geralmente eles fazem a travessia do rio”
Cena 4 – Mariani Ribeiro Apresentação Mariani Ribeiro 00:05 – 00:15	“É, internacional. A Eliana, direto de Verona, na Itália, mandou um bom dia pra gente, disse que ouve sempre a CBN pelo celular por meio do aplicativo.”
Cena 5 – Danila Bernardes 00:01 – 00:11 Passagem – Danila Bernardes	“Esse é o momento que o presidente da Câmara dos Deputados, deputado Hugo Mota, consegue ocupar a cadeira dele, depois de várias tentativas, muito barulho, muita gritaria”
Cena 6 – Marina Demori 00:00:04 – 00:00:15	“Aqui nos Emirados Árabes, cada vez mais autoridades e organizações têm procurado se inspirar em ações práticas para promover a preservação ambiental e lidar com as mudanças climáticas. Com o Brasil no centro das discussões”
Cena 7 – O mundo por elas	Trilha sonora
Cena 8 – Lilia Teles Lilia 5 00:08 -- 00:39	“Ser jornalista para mim é o ar que eu respiro. Eu tenho um orgulho tão grande de ser jornalista que ainda hoje, quando eu preencho ficha e que pergunto a profissão, quando eu falo que eu sou jornalista, quando eu escrevo que eu sou

	jornalista, eu ainda fico com os olhos cheios d'água. É a realização de um sonho. Eu acho que eu nasci jornalista. Tudo que eu fiz na vida foi para me tornar essa mulher que eu sou, essa profissional que eu sou.”
Cena 9 – Mariani Ribeiro Mariani 1 01:12 -- 01: 28	“Na verdade, para mim, jornalismo é um estado de espírito. Acho que a gente nasce jornalista. Mesmo quando você quer não ser jornalista, você é. Então o jornalismo para mim é isso, é vida. Ele se mistura com a minha vida.”
Cena 10 – Danila Bernardes Danila 1 00:27 – 00:32	“Desde que eu tinha 8 anos de idade eu já sabia que eu queria ser jornalista, eu já sabia que eu queria trabalhar com a notícia.”
Cena 11 – Marina Demori Marina 13 00:15 – 00:47	“O jornalismo tem um papel fundamental pra sociedade e principalmente pra democracia, né? A gente não só dá a voz pra aquelas pessoas que muitas vezes não conseguem, né? Que não tem voz, não tem espaço. Mas a gente trabalha pra informar a população, pra tornar o acesso à informação mais fácil. E principalmente pra fiscalizar o poder, né? Os poderes, no caso.”
Cena 12 – Cleisla Garcia Cleisla 5 00:47 – 01:10	“Eu acho que o poder da mulher na sociedade, ele é importantíssimo, mas a gente tem que saltar. Eu vou ficar feliz o dia que a gente não precisar discutir direito de mulher, direito de questões de diferença, né? Porque a gente precisa tratar isso tudo como a importância de direitos humanos. Nós somos humanos, nós somos da raça humana.”
Cena 13 – Danila Bernardes Danila 5 00:00 – 00:23	“Eu acho que a mulher no jornalismo tem um olhar mais focado, um olhar mais compreensivo e um olhar mais detalhista. Isso faz toda a diferença na hora de você contar uma história, na hora de você explicar para quem está assistindo, para

	quem está lendo a notícia, a história, o fato, o que está acontecendo.”
Cena 14 – Mariani Ribeiro Mariani 3 01:44 – 01:54	“O olhar humano, o olhar humano do jornalista, a inteligência artificial não vai ter nunca. Ela pode ter a técnica, mas o olhar não. O lado humano, não.”
Cena 15 – Lilia Teles Lilia 3 00:08 – 02:29 Imagem da reportagem cobrindo de 00:00:05 – 00:00:21 00:03:19 – 00:03:59 Arquivo: Reportagem Haiti – Lilia Teles Tempo de entrar com a imagem na fala coberta 01:35 -- Arquivo “reportagem Haiti – Lilia Teles” Imagem coberta 2: Lilia Teles – reencontro 00:25 – 00:30 03:11 – 03:35 Entrada: 02:03 – Escrever no canto direito: Cobertura especial Terremoto no Haiti - 2010	“A gente encontrou o marido dela pedindo ajuda, que ela estava soterrada há três dias ali. E quando a gente descobriu que ela ainda estava viva, sob aqueles escombros, era muito impressionante. Porque eu ainda hoje fico completamente arrepiada e me emociono com isso. Ela estava numa maternidade, ela trabalhava, ela era enfermeira nessa maternidade. Era um prédio de cinco andares. O prédio veio todo abaixo, porque no terremoto não apenas cai, abre o chão e desce. Então, aquele prédio de cinco andares, que era a maternidade, enfiou pela terra abaixo. Era uma coisa muito louca. E ela foi a única sobrevivente desse prédio, você imagina. Então, eu ficava ali esperando ela sendo resgatada e olhando no entorno. Não tinha nenhum sobrevivente no entorno. Sabe? Eram pedaços de gente, assim, para todo lado. E ela estava viva ali embaixo. Então, aquilo mexeu muito comigo. Eu sou uma antes e depois do Haiti. Sabe? É bem... É uma coisa extremamente emocionante. Ela estava de um jeito que acho que mais um pouco e ela não conseguiria. Então, quando a gente pediu... Eu falei com o pessoal do exército, que estava no caminhão com a gente, que estava no jipe com a gente. Eu falei, vamos parar, vamos descer, vamos descer.

	Porque eles estavam indo embora. Porque a gente já tinha tentado achar outras pessoas. E as pessoas já tinham morrido. Sabe? Então... E essa ele também achou que fosse estar morta e tal. E o marido insistiu, insistiu. Ele estava muito tocado. Ele estava completamente enlouquecido ali. E ela estava realmente viva. Grávida. Ela estava com... Bem no começo da gravidez. Ela estava grávida de trigêmeos. Então, ela... Depois ela me contou. Me encontrei com ela um ano depois. E ela me contou que ela ficou grávida até os seis meses. E depois ela teve que tirar. Porque ela teve uma infecção muito grande no lugar do ferimento dela. Sabe? Que era nas costas. E aí... E ela perdeu os três bebês. E uma das crianças ia ter o meu nome. Ela me falou. Então... Essa história ainda mexe muito comigo.”
Cena 16 – Cleisla Garcia Cleisla 4 02:48 – 03:35 Cena coberta Arquivo: Reportagem Cleisla Garcia 02:03 – 02:40 Tempo de entrada: 3:22 – 03:35 Escrever no canto direito: Reportagem sobre Tráfico internacional de criança a partir do Sudeste Asiático e pedofilia.- 2007	“Lembrando que a matéria do Camboja, ela foi uma matéria que eu comprava uma criança por 50 dólares. E quando eu fui comprar a criança, eu entrei num dilema ético, porque a criança tinha que ir para um orfanato, ia ficar longe dos pais, por 50 dólares. Eu voltava para o Brasil, denunciava, com certeza essa era uma matéria que seria premiada, mas naquele momento eu tinha uma filha da mesma idade e eu pensei, eu vou acabar com a vida dessa menina.

	Então eu desisti de comprar a menina e falei para o cinegrafista, acabou a matéria, nós não vamos mais fazer. Só que ele continuou filmando. E quando eu cheguei no hotel, ele falou, olha só isso aqui. E tinha todo o processo da desistência, eu chorava com a menina, a menina me abraçava. E a desistência da matéria fez a matéria ganhar um prêmio de jornalismo.”
Cena 17 – Cleisla Garcia Cleisla 10 00:42 – 00:54	“Você se torna jornalista para perguntar, para fazer boas perguntas, para achar a alma das pessoas. E elas entregam a alma para você, mas só depois de ver a sua. Elas vão ter que ver a tua alma.”
Cena 18 – Danila Bernardes Danila 1 01:14 – 01:38	“O jornalismo político é desafiador, mas eu vejo que o nosso papel como jornalista, que cobre política, ele é muito importante, ele é fundamental, principalmente na questão de informar, esclarecer, conscientizar a população sobre o que ela deve entender sobre política, ela deve se interessar pelo assunto.”
Cena 19 – Lilia Teles Lilia 7 00:18 – 01:42 Cena coberta Cobertura eleições EUA – Lilia Teles 00:02 – 00:12 Entrada: 00:19	“Eu cobri a eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos, isso é histórico, foi lindo isso, ter participado disso. Eu me lembro que eu estava dando a notícia ao vivo de Nova York e fiquei extremamente emocionada de saber que aquilo ali era uma notícia que estava correndo o mundo e que estava sendo importante para todo mundo. O papel do jornalismo naquela época ainda era muito focado nos fatos, ainda não se tinha tanta fake news e também não se tinha as redes sociais como propagador de notícias. Então, na outra eleição do Barack Obama, as redes sociais foram muito usadas.

	Nessa época que eu fiz, foi a primeira eleição dele, ainda não tinha tanto. E era muito bacana, porque a gente participava, eu participei de vários debates, eu participei de primárias e era escutando as pessoas, contando verdades. O Barack Obama falando, ele tem uma capacidade de te prender falando aquilo e o jornalismo era muito importante nisso. A gente estava levando para o mundo o que estava acontecendo ali, que era a história.”
Cena 20 -- Tainá Falcão Tainá 3 01:23 – 01:39 Cena coberta: tempo de entrada: 01:30— 01:39 Arquivo: Tainá bastidor	“A gente que trabalha com isso, aqui em Brasília, eu digo, o trabalho do jornalista de política, ele é permanente. Aqui em Brasília, o trabalho atravessa, muitas vezes, a nossa vida social.
Cena 21 – Marina Demori Marina 8 00:25 – 01:44	“Eu me apaixonei pelo jornalismo e pela cobertura política Principalmente nos últimos três anos Eu mergulhei nesse universo e tenho me apaixonado cada vez mais É uma entrega constante Todos os dias eu preciso acordar e me entregar para aquilo Trabalhar muito duro para que as coisas aconteçam Mas eu tenho muito orgulho também de ter chegado onde eu cheguei Mas eu me orgulho sim da minha trajetória E da luta que eu tive E da minha luta para chegar até Brasília E de estar ocupando esses espaços que eu sequer imaginava poder ocupar Um dia lá atrás, quando eu era estudante Ou quando eu comecei a minha carreira Eu acho que eu nunca me imaginei, nunca, nunca, ousei imaginar que eu chegaria a trabalhar na cobertura política E ter acesso aos lugares que eu tenho, conversar com as pessoas que eu converso Às vezes eu brinco e falo, meu Deus, como eu vim parar aqui, quem foi que deixou? Mas é fruto de muito trabalho e de muito esforço

	Então, sim, eu sou muito feliz”
Cena 22 – Danila Bernardes Danila 4 01:46 – 02:37	“eu acho que para a mulher é mais desafiador ainda trabalhar na política, porque é um ambiente muito masculino. A gente nota isso pelos nossos representantes, deputados, senadores, são, em grande maioria, homens. E a gente está ali inserida nesse contexto. A gente tem que ter postura, a gente tem que ter conhecimento e a gente tem que ter seriedade, para não se transformar numa figura que vai ser levada para um outro ambiente que vai dificultar bastante o seu trabalho. Então, ser mulher na política é um grande desafio. Muitas vezes nós somos subestimadas sobre a nossa inteligência, nossa capacidade de entender, de informar. Mas eu acho que se você se posicionar com firmeza desde o começo, você vai conquistar o seu espaço e conseguir ser respeitada e fazer um excelente trabalho.”
Cena 23 – Tainá Falcão Tainá 8 00:46 – 01:30	“Ter o respeito das pessoas. Eu vejo que é um problema ainda, mas não é inerente apenas ao jornalismo. O jornalismo existe também. A gente está falando de um ambiente majoritariamente masculino. São poucas ainda as mulheres aqui. É um exemplo também na política, pouquíssimas. Quando a gente olha para as redações, hoje mudou um pouco, mas ainda nos cargos de liderança. Não somos maioria, somos a base. Então, são indicativos que mostram ainda um longo caminho pela frente.”
Cena 24 – Mariani Ribeiro Video 6 01:20 – 04:07	“Teve um episódio profissional que eu fiquei muito impactada, em que eu estava apresentando um evento e eu era a única mulher nesse evento. Era um evento formado por convidados homens, um colega de bancada homem e eu mulher. E terminou ali o que eu estava fazendo, o primeiro bloco e eu fui ao banheiro.

	Eu pedi licença e fui ao banheiro para voltar para o segundo bloco da apresentação. E eu fiquei muito chocada ao voltar e ver que a foto oficial do evento tinha sido feita enquanto eu fui ao banheiro. E aquela foto parece uma coisa pequena, mas não é para quem está vivendo. Aquela foto, para mim, ela representa até hoje, na minha cabeça, um dos momentos mais fotográficos do que a gente pode chamar de discriminação. E eles aproveitaram aquele momento para reunir todos os homens daquele evento, fazer uma grande pose ali. E a foto oficial ficou aquela, estampada, sem a minha presença. Eu me senti ofendida de todas as formas. Eu me senti ofendida por não estar na foto. Sim, eu deveria estar naquela foto. Eu deveria estar na foto porque, como eu disse, eu estava à frente daquele projeto. Eu estava à frente daquela situação ali. Por ser jornalista que estava conduzindo aquelas entrevistas. E por ter percebido que os colegas não foram capazes de falar assim, não, espere, a Mariane está voltando. Ela precisa estar nessa foto. Não é uma questão de vaidade. Até porque eu nem sou muito amante de fotos assim. Mas, naquele momento, sim, eu precisava estar naquela foto. Eu era a única mulher ali. Então, eu estou trazendo esse exemplo porque, assim, é um que eu nunca esqueço. Porque me doeu. Me doeu chegar. E eu não fui, naquele momento, atrás das pessoas para dizer, por que vocês não me esperaram para a foto? No fundo, eu tinha esperança de que elas se tocassem. De que aquilo estava errado. Mas não se tocaram. Tanto que, no outro dia, essa foto estampou uma notícia de jornal.
--	--

	A foto oficial sem a minha presença. Sim, eu deveria estar naquela foto. Eu deveria estar na foto porque, como eu disse, eu estava à frente daquele projeto. Eu estava à frente daquela situação ali. Por ser jornalista que estava conduzindo aquelas entrevistas.”
Cena 25 – Tainá Falcão Vídeo 14 00:08 -- 00:52	“Se você olhar aqui, você já viu várias, né? Somos muitas num ambiente majoritariamente masculino. Porque quando você entra ali no plenário, aí a gente entende que é minoria. Então, ser mulher no jornalismo político é isso. Seremos muitas, mas ainda não seremos tantas quanto deveríamos ser nesses espaços de poder em lugares de liderança. Entender que a gente precisa mais. E por isso que eu falo, continuar. Mesmo com todos os desafios, continuar. Porque aí a gente vai somando forças e ocupando esses espaços.”
Cena 26 -- Marina Demori Vídeo 5 01:12 – 01:45 Cena Coberta: Marina congresso Tempo de entrada: 01:30 – 01:45	“Acho que não existe mais esse estigma de que a mulher não tem competência ou que a mulher é menos inteligente. Isso não existe. Muito pelo contrário. Existem mulheres maravilhosas na política, no jornalismo, no jornalismo de política. E nós temos ocupado cada vez mais espaços. E espaços que são nossos. E cada dia conquistado mais credibilidade e não pelo nosso gênero, não porque a gente é mulher, mas porque a gente é competente. E porque a gente merece estar onde a gente está.”
Cena 27 – Cleisla Garcia 00:45 – 02: 23 Cena coberta: Reportagens Cleisla Garcia 00:03 – 00:15 Tempo de entrada: 01:00	Eu ganhei alguns prêmios em Goiás voltados para questões ambientais, prêmios menores, também fui indicada como melhor repórter de TV pela revista Imprensa, pela internet, foi a votação, pelo público. E eu tive esse título, isso já faz mais de duas décadas, melhor repórter de TV, que me surpreendeu

	porque eram grandes concorrentes, eram pessoas que eram meus símbolos, né, do jornalismo. Então isso me deu muita coragem de dizer, é a sinalização, você está no caminho certo. Depois, já no núcleo especial da Record, eu ganhei um Vladimir Herzog, que é um prêmio muito importante, o mais importante de direitos humanos, com uma série chamada Guerreiras do Brasil, que mostravam mulheres que eram mulheres de comunidade, mulheres de população ribeirinha, mulheres que enfrentavam os desafios da miséria, da pobreza, da violência doméstica, e mesmo assim elas desafiavam todo o ecossistema de violência, de adversidade, e elas faziam diferença naquela comunidade. Então tinha uma advogada que ela tinha recebido pelo menos umas 70 ameaças de morte, porque ela advogava em nome de mulheres vítimas de violência. Então foi uma série muito bonita do ponto de vista de, não importa onde eu nasci, não importa o que eu herdei, não importa o que está ao meu redor, eu vou fazer a diferença nessa comunidade. Então essa matéria foi a matéria eleita, né, de reportagem de TV do Vladimir Herzog. E depois, com a série Camboja, o Reino Destruido, que denunciava pedofilia e tráfico de crianças no Sudeste Asiático, eu também fui indicada pelo Vladimir Herzog, mas o Vladimir Herzog costuma premiar matérias nacionais. Então o prêmio ele ganhou menção honrosa, essa série. Então foram dois Vladimir Herzogs, mas sendo que um foi uma menção honrosa. E aí os outros prêmios foram prêmios menores, mas que me ajudaram a pontuar essa carreira baseada na apuração, na matéria de denúncia.
Cena 28 -- Tainá Falcão Tainá 13 00:40 – 01:40	“A gente precisa de mulheres no jornalismo, a gente precisa desse olhar mais cuidadoso sobre os fatos, dessa gentileza também que a mulher tem no trato com as coisas, com as pessoas. Então, eu fico muito feliz quando eu vejo

	que mais mulheres estão ingressando no jornalismo. Então, incentivo, tem espaço para todas e mais, muito importante, tem espaço para todas. É preciso incentivar umas às outras, é preciso que a gente esteja de mãos dadas, que entender que quando uma acende, a outra também acende. Você crescer é você levar uma amiga junto. Então, enxergando dessa forma, com paciência, tranquilidade, respeito, tem tudo para dar certo.”
Cena 29 -- Danila Bernardes Danila 8 00:29 – 00:49	“Qualquer área que você escolher não vai ser fácil, isso não é só para jornalista, isso é qualquer profissão. Não vai ser fácil. Mas eu acho que a partir do momento que você faz com amor, com dedicação, com paixão, que você sente que aquele é o seu lugar no mundo, que você sente feliz fazendo, é só você focar que as coisas vão acontecendo no tempo certo.”
Cena 30 – Tainá Falcão Tainá 8 00:38 – 01:30	“O machismo está aí, existe, são muitos os nossos desafios para a gente se colocar, se provar. Ter o respeito das pessoas. Eu vejo que é um problema ainda, mas não é inerente apenas ao jornalismo. O jornalismo existe também. A gente está falando de um ambiente majoritariamente masculino. São poucas ainda as mulheres aqui. É um exemplo também na política, pouquíssimas. Quando a gente olha para as redações, hoje mudou um pouco, mas ainda nos cargos de liderança. Não somos maioria, somos a base. Então, são indicativos que mostram ainda um longo caminho pela frente.”
Cena 31 -- Marina Demori Vídeo 11 00:14 -- 01:11	“O recado que eu deixo para as novas e futuras jornalistas é para que não desistam e para que não se sintam incapazes, para que busquem cada vez mais se profissionalizar, se especializar em uma área, seja na política, na economia, na cobertura do factual diário, em cidades, no esporte.

	Acho que nós, mulheres, temos que ocupar cada vez mais espaços e a gente não pode ter medo disso. A gente tem que se empoderar da nossa capacidade, da nossa força de vontade, da nossa garra, porque só nós, mulheres, sabemos todas as questões que a gente tem que lidar na vida para além da nossa profissão. Então, a nossa profissão, ela tem que ser um reflexo da capacidade feminina de lidar com o mundo, que é uma capacidade incrível.”
Cena 32 -- Encerramento	Compilado de momentos das jornalistas com trilha sonora de fundo
Cena 33 – Encerramento	“Lília Telles, de Porto Príncipe, no Haiti, para o Jornal Nacional.”
Créditos finais	Direção, Produção, Imagens, Roteiro, Nathália Rocha Dias Montagem: Gato do Mato Produtora Entrevistados Cleisla Garcia – Jornalista Danila Bernardes – Jornalista Mariani Ribeiro – Jornalista Marina Demori – Jornalista Tainá Falcão – Jornalista Agradecimentos Leila e Jeovaldo Arquivo: Memória Globo CNN Brasil Cleisla Garcia- Pessoal NDTV Trabalho de Conclusão de Curso Escola de Direito, Negócios e Comunicação Curso de Jornalismo Orientação

Profa. Dra. Eliani Covem

PUC- Goiás



PUC
GOIÁS

APÊNDICE II

AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO

A aluna Nathália Rocha Dias, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em 2025, autoriza a reprodução do filme por parte da Instituição da obra feita para o Trabalho de Conclusão de Curso.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

A estudante Nathália Rocha Dias, do curso de Jornalismo, matrícula 20221012700384, telefone: (62) 98228-4053, e-mail: nathaliarochajior@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*O mundo por Elas*”, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 08 de dezembro de 2025.

Assinatura do autor:

Nathalia R. Dias

Nome completo do autor:

Nathália Rocha Dias

Assinatura do professor-orientador:

Eliani de S. Costa Araújo